

ERA UMA VEZ “TCHAU”: A RECEPÇÃO DE BOJUNGA NO ENSINO FUNDAMENTAL II

ONCE UPON A TIME “TCHAU”: THE RECEPTION OF BOJUNGA IN THE ELEMENTARY SCHOOL II

Carla Kühlewein¹
Emanuela Aparecida Farias²

Resumo: Considerando que o leitor é elemento essencial no processo de criação da obra literária, esta pesquisa teve por finalidade investigar a recepção de alunos do nono ano acerca da contação de “Tchau” (2006), conto de Lygia Bojunga, a partir de um conjunto de atividades aplicadas em escola pública no município de Apucarana/PR. Para tanto optou-se em detectar o horizonte de expectativas dos alunos antes, durante e após o ingresso dessa narrativa em sala de aula, buscando verificar a possível ruptura desse horizonte por meio do texto literário. Essa prática teve como base teórica estudos acerca dos benefícios da contação e da Estética da Recepção, de Hans Robert Jauss (1994), que contempla não apenas a obra literária, mas também o leitor e sua recepção, pois é ele quem preenche as lacunas dos textos e por isso deve ser considerado nesse processo.

Palavras-chave: Contação de história. “Tchau”. Recepção. Ensino Fundamental II.

Abstract: Considering the reader as an essential element in the creation process of the literary work, this research aimed at investigating the reception of students of ninth grade of the telling of “Tchau” (2006), a tale by Lygia Bojunga, as part of a set of activities applied at a public school in the town of Apucarana/PR. In order to do so, it was chosen to detect the horizon of expectations of students before, during and after the insertion of that narrative into the classroom, while attempting to check the possible break of that horizon through the literary text. That practice had a theoretical basis of studies on the benefits of storytelling and the Aesthetics of Reception, of Hans Robert Jauss (1994), which comprehends not only the literary work, but also the readers and their reception, as they are the ones who fill in the gaps in the texts and must therefore be considered in that process.

Keywords: Storytelling. “Tchau”. Reception. Elementary School II.

Sobre expectativas e literatura

Lygia Bojunga é autora de narrativas, cuja dramaticidade salta aos olhos. O conto “Tchau”, primeiro de outros na obra de mesmo nome, é um exemplo dessa peculiaridade. A maneira como a menina Rebeca lida com o abandono da mãe por causa de um amor

¹ Doutoranda em Letras pela UNESP/Assis.

² Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR).

extraconjugal é, de fato, impactante, especialmente pela maneira como o evento é apresentado. Não faltam relatos de adultérios e mães relapsas ao longo da literatura, porém abordar essa temática por meio de uma sucessão de cenas dramáticas, com linguagem voltada ao público infantil e juvenil e sob a perspectiva de uma criança é um dos motivos que tornam a obra de Bojunga uma produção ímpar.

As proponentes desta pesquisa tiveram contato com o referido conto em momentos distintos da formação acadêmica: uma ouviu o relato emocionado de um professor acerca do envolvimento de alunos do Ensino Médio com a leitura de “Tchau” em sala de aula e pôde comprovar isso ao lê-lo a alunos de diversas faixas etárias; outra recebeu sua leitura já na graduação, por meio da leitura dramatizada do conto por uma professora, com interrupções semelhantes às propostas neste trabalho. Em ambos os casos, a narrativa promoveu uma ruptura de expectativas nos leitores/ouvintes, que se sensibilizaram não apenas com a história da menina Rebeca abandonada pela mãe, mas também com a maneira como foi contada pelo(a) professor(a). Diante dessas vivências, optou-se por verificar a recepção do texto de Bojunga no Ensino Fundamental II, por meio de sua contação.

Ainda que diversas pesquisas defendam a importância dessa prática não só na Educação Infantil, devido a seus benefícios, a contação costuma diminuir após a infância, tornando-se obsoleta até se extinguir completamente nas demais etapas de ensino. Tal constatação levou ao questionamento acerca dos efeitos que *se e como* “Tchau”, por meio dessa prática, poderia também romper expectativas em alunos (desabituaados a ela) no ano final do Ensino Fundamental II.

Identificada a questão-problema, restava definir o *modus facendi* para se investigar a recepção dos adolescentes. Pensando nisso, esta pesquisa contemplou a contação de “Tchau” a alunos do nono ano do Ensino Fundamental II, de uma escola pública no município de Apucarana, Paraná, por meio da aplicação de um conjunto de atividades com base na teoria de Hans Robert Jauss (1994), mantendo o texto de Bojunga como *corpus* literário. Como a Estética da Recepção, proposta por Jauss, considera que o leitor exerce papel fundamental no processo de leitura do texto literário, esta foi a teoria escolhida para embasar este trabalho.

Vale ponderar, contudo, que as Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná (DCE) sugerem aos professores adotar o Método Recepcional de Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira Aguiar (1993) para o ensino de literatura no Ensino Básico, o qual é dividido em cinco etapas: Sondagem do horizonte de expectativa, atendimento ao horizonte de expectativa, ruptura do horizonte de expectativa, questionamento do horizonte de expectativa e ampliação do horizonte de expectativa.

Apesar de se ter conhecimento da existência desse método, ele não foi utilizado neste trabalho pelo fato de requerer um período mais extenso para ser aplicado o que não foi disponibilizado pela instituição pública em questão, pois totalizou apenas duas aulas geminadas, de 45 (quarenta e cinco) minutos cada. Em decorrência disso optou-se pela investigação da recepção dos leitores sob a perspectiva de três teses da Estética da Recepção: detecção do horizonte de expectativa (antes da leitura do texto literário), bem como sua ruptura e ampliação (durante e após sua leitura).

Ademais acredita-se que este artigo contribuiu significativamente para os estudos da literatura na sala de aula pelo fato de propor a expansão do ato de contar histórias (muito expressivo na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental I) para o Ensino Fundamental II, quando os alunos se preparam para a idade adulta, seu ingresso no Ensino Médio e, conseqüentemente, no mercado de trabalho. Afinal, não é porque ingressam na vida adulta que precisam deixar de lado a imaginação e a fruição do texto literário, pelo contrário, essa prática faz parte da formação humana, conforme indica Antonio Candido (1972).

Os benefícios da contação de história

Carlos Aldemir Farias (2011) relata que contar histórias é uma arte antiga e própria da sociedade humana. Normalmente o primeiro contato que o ser humano tem com as histórias é através da contação, ou seja, quando criança escutou alguém contar uma história e dessa forma foi estimulada a se tornar uma leitora. Se, portanto, a formação do leitor é resultado de um processo que se inicia na infância, não é indicado que ele seja interrompido nas fases subsequentes da vida. Segundo Fanny Abramovich (2006 p.17) “ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo”.

A arte de contar histórias fica muito restrita à Educação Infantil e quase nem aparece nos anos finais do Ensino Fundamental II, o que é uma falha, já que traz diversos benefícios ao leitor, como: “educar, instruir, socializar, desenvolver a inteligência e a sensibilidade” (MATEUS et al., 2013, p.57). Além de fortalecer vínculos afetivos, sociais e até educacionais. Mas qual o motivo que resulta nessa realidade?

Alguns professores do Fundamental II justificam o “sumiço” da contação nesse nível de ensino devido ao fato de o livro didático trazer muito conteúdo para uma carga horária reduzida. Em contrapartida, Malba Tahan (1966, p. 142 *apud* SOUZA; BERNARDINO, 2011 p. 05) defende que: “as narrativas de casos e contos podem ser aproveitadas em todas as atividades. Através dessas narrativas podem ser ministradas aulas de Linguagem, Matemática, Educação

Física, com o máximo de interesse e maior eficiência”. Ou seja, parece que a justificativa dos professores evidencia a falta de conhecimento acerca das possibilidades reais de aplicação dessa atividade no contexto escolar.

Abramovich (2006) também pontua que ouvir histórias traz benefícios, como o estímulo do imaginário e o aguçamento da curiosidade do ser humano, pois apresenta soluções e opções para a resolução de problemas e conflitos do cotidiano. Além disso, essa prática pode fazer com que o leitor/ouvinte experimente diversas emoções, como: alegria, tristeza, raiva, frustração, medo etc. Ouvindo uma história fica mais fácil compreender o mundo. Para a autora,

É através duma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, uma ética, outra ótica...É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula (ABRAMOVICH, 2006, p.17).

Além disso, Abramovich (2006, p.22) ressalta que ouvir histórias não deve se restringir apenas aos pequenos: “Afinal, adultos também adoram ouvir uma boa história, passar noites contando causos, horas contando histórias pelo telefone [...] por querer partilhar [...] algum momento [...]”. Em consonância com essa perspectiva, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB, 1996) registra a preocupação com que a educação brasileira forme cidadãos críticos e atuantes na sociedade. Nesse sentido, o artigo 22 desse documento, corroborando com a perspectiva de Candido (1972), pontua que: “A educação básica [...] tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”.

Tendo em vista que Abramovich (2006) e Tahan (1966) defendem a importância de se ouvir histórias, pois tanto crianças como adultos as apreciam, pode-se pensar que essa prática está atrelada aos conteúdos da grade curricular das instituições de ensino. Além disso, e com a LDB sugerindo que a educação deve formar cidadãos críticos, fica nítido que a contação de história precisa ser pensada pelos professores, especialmente nos anos finais do Ensino Fundamental II, quando ela praticamente se extingue. Enfim, para que a contação ocorra nessa etapa e se torne um momento prazeroso, voltado a proporcionar uma compreensão de mundo ao aluno, o professor pode se apoiar na Estética da Recepção para efetivar a formação de leitores críticos.

A Estética da Recepção e o leitor

Todas as vertentes da recepção prezam pela figura do leitor. Hans Robert Jauss é o maior representante das teorias voltadas para esse aspecto, por isso foi selecionado como base teórica deste trabalho. Suas ideias compõem a Estética da Recepção, a qual situa o receptor e a leitura como componentes essenciais nos estudos literários. A partir disso, Jauss propõe uma reformulação da historiografia literária e da interpretação textual, além de defender que o valor e a categoria estética de uma obra estão na recepção, no efeito que o texto provoca no leitor, e na fama da obra ao longo dos tempos.

Essa teoria surgiu na Alemanha, quando Jauss, ao participar de uma conferência, na Universidade de Constança, apresentou o discurso intitulado “O que é e com que fim se estuda história da literatura”, a qual posteriormente passou a se chamar “A História da Literatura como Provocação à Ciência Literária”. Nessa palestra, considerada como a manifestação pública da Estética da Recepção, ele criticou a teoria literária anterior.

Regina Zilberman (1989) comenta que Jauss propôs uma mudança metodológica na abordagem dos fatos artísticos, ou seja, para o teórico, o foco da ciência literária deveria ser o leitor ou a recepção, e não somente a produção e o autor, como antes, pois é a partir dela que se chega ao valor estético da obra. Jauss pretendia que a literatura fosse vista como uma categoria social e histórica que sempre sofre mudanças e alterações constantes.

Assim a teoria da literatura passou a ser guiada pela recepção. Além disso, o teórico desejava que ocorresse uma união da sociedade com a significância das obras literárias. Já que sua teoria trazia como foco de investigação o leitor e, a partir disso, considerava-o como o sujeito da sociedade e, portanto, ambos (sociedade e leitor) em constante mudança.

Jauss desenvolveu sua teoria a partir de sete teses, para as quais baseou-se em alguns conceitos de George Gadamer (um dos maiores expoentes da hermenêutica). Na primeira tese, defende o texto literário como fato, no qual o leitor atenta-se às particularidades fazendo relações com outros textos que conhece. Em outras palavras, o texto literário é um ato de recepção, que se renova a cada leitura feita, pois “aborda a relação entre leitor e texto, afirmando que o leitor dialoga com a obra atualizando-a no ato da leitura” (PARANÁ, 2008, p.58).

A segunda tese diz respeito à experiência literária do leitor, a qual pressupõe um conhecimento prévio, que age como um grupo de saberes da vida e da literatura. Ou seja, a subjetividade e a experiência do leitor pressupõem seu conhecimento prévio. As DCE do Paraná pontuam que nesta tese Jauss: “destaca o saber prévio do leitor, o qual reage de forma individual diante da leitura, influenciado, porém, por um contexto social” (2008, p.58).

Já a terceira tese considera que, quando o leitor lê um texto próximo de si, não tem todas as perspectivas fechadas referentes à obra. Entretanto, quando lê uma obra antiga, o valor

estético aumenta, transformando o sistema literário de referência. Por isso a quarta tese “aponta a relação dialógica do texto, uma vez que, para o leitor, a obra constitui-se respostas para os seus questionamentos” (PARANÁ, 2008, p.59). Para tanto, faz-se necessário reconstruir o horizonte de expectativa do leitor e do texto, além da reconstrução do processo de comunicação entre ambos.

A quinta tese, segundo Mirian Zappone (2009), compreende o caráter diacrônico, do projeto, da história literária. Nesse sentido a obra deve ser analisada visando à recepção antiga e à atual. Assim sendo, sempre haverá novas formas de ler e interpretar uma obra, já que os sentidos dela são construídos ao longo do tempo. Já a sexta tese, segundo Zappone (2009), aborda a ideia de a obra ser observada a partir da história de sua recepção, ou seja, a historicidade se revela nos pontos de intersecção entre a diacronia e a sincronia, portanto, é necessário considerar as sucessivas recepções de um texto.

Enfim a sétima e última tese, para Zappone (2009), ressalta que a literatura precisa ser pensada e refletida não apenas em termos de seus efeitos estéticos, mas também a partir dos efeitos sociais, psicológicos e éticos. Logo, o homem, através da sua emancipação, pode exercer um papel atuante no contexto social.

Portanto, a literatura, partindo da Estética da Recepção, pode auxiliar na compreensão da realidade de vida do aluno, atendendo melhor às suas necessidades e possibilitando sua emancipação. É essa teoria que norteou a proposta de contação de história desta pesquisa, aplicada com alunos do nono ano, no entanto, conforme destacado na introdução, centrada em três teses: detecção do horizonte de expectativas e suas consequentes ruptura e ampliação.

Bojunga na sala de aula

A recepção dos alunos nos anos finais do Ensino Fundamental II, diante da contação do conto “Tchau”, de Lygia Bojunga, foi investigada sob a óptica da Estética da Recepção, por refletir sobre o leitor e o efeito que a obra causa nele.

No que diz respeito ao ato de contar, Alga Marina Elizagaray (1979) defende que o objetivo dessa prática “é o de ensinar a criança a escutar, a pensar e a ver com os olhos da imaginação (...) a narração é um antiquíssimo costume popular (...) sempre auditiva e não visual” (*apud* ABRAMOVICH, 2006, p. 23). Complementado essa ideia, Souza e Bernardino (2011, p.09) defendem a leitura oral de contos nas aulas, pontuando que:

As narrativas em sala de aula são ótimas ferramentas para o desenvolvimento da subjetividade das crianças, o conto permite que esta experimente emoções, vivencie-as em sua fantasia, sem que precise passar pelas mesmas situações na realidade, além disso, a história oferece a criança uma nova forma de pensar sobre os seus sentimentos difíceis, sentimentos dolorosos ou intensos demais (como um luto, o nascimento de um irmão, a adaptação escolar, etc.)

Segundo Abramovich (2006), contar uma história nada mais é do que usar sua voz de forma harmônica e simples, se você falar com entonações, provavelmente transmitirá sentimentos e clareza ao falar as palavras, estas que são o ponto principal da contação de história. Para o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil– RCNEI (1998, p.124), a literatura oferece um conhecimento cultural, que ajuda na formação da personalidade e no reconhecimento da diversidade, impulsionando o imaginário e estimulando o prazer pela leitura, até para os que não sabem ler, pois “ouvir uma história é uma forma de leitura”.

A narrativa “Tchau” é dividida em seis capítulos: inicia-se com “O buquê” e retrata a mãe de Rebeca recebendo flores; o segundo, “Na beira do mar”, mostra a mãe revelando à filha o fato de ter se apaixonado por um estrangeiro; o terceiro, “No sofá da sala”, narra a mãe discutindo com o pai, pois ela quer se separar e ir embora com o amante, no entanto, este não quer que ela leve as crianças junto; o quarto, “Na mesa do botequim”, traz Rebeca conversando, em um bar, com o pai, bêbado e triste por saber que sua esposa havia se apaixonado por outro homem, ela promete-lhe não deixar a mãe partir; o quinto, “A mala”, apresenta a mãe abandonando a família e indo morar com o homem por quem se apaixonara; enfim o sexto e último, “O pai volta à tarde e encontra um bilhete no travesseiro”, traz o bilhete, escrito por Rebeca, ao pai, no qual ela revela não ter conseguido cumprir sua promessa, a de não deixar a mãe dizer “tchau”.

Antes de se iniciar a aplicação das atividades à turma do nono ano do período matutino de uma escola estadual do município de Apucarana, Paraná, foi coletado o termo de consentimento devidamente assinado pela professora titular de Português. A autorização foi concedida para realização no dia 21 (vinte e um) de março de 2019, durante duas aulas consecutivas, totalizando uma hora e trinta minutos, e os trechos das respostas que os alunos deram foram transcritos aqui exatamente como foram escritos.

As atividades deram início com o registro da palavra “Tchau” no quadro de giz e o questionamento aos alunos acerca de seus conhecimentos a respeito (quais as sensações que essa palavra desperta? O que ela significa?), no intuito de se realizar a sondagem de seu horizonte de expectativas. Esse momento foi realizado no campo discursivo (oralidade), pois a turma foi

instigada a comentar sobre o que significava aquele vocábulo e se ele representava ou despertava algum sentimento.

Todos os estudantes disseram que o termo tinha o sentido de despedida breve e que o usavam diariamente. Em seguida, foram convidados a escrever no quadro o que diziam, no entanto, apenas uma estudante se dispôs e registrou “Ir Embora”, comentou “Professora, eu não gosto de dizer ‘tchau’ pro meu crush³, fico triste né?”.

A expectativa dos alunos, conforme previsto, aponta para a brevidade de uma despedida solicitada pelo emprego da palavra “Tchau”, porém o conto de Bojunga traz uma situação bem mais complexa: trata-se da despedida definitiva de uma mãe, que envolvida por uma paixão avassaladora, abandona filhos e marido para viver com outro homem no exterior. Ou seja, não se trata de uma despedida casual, mas de um permanente e dolorido “adeus”.

Contudo, o fato de Bojunga optar pelo uso de “tchau” em vez de “adeus” pode indicar que para a mãe o distanciamento será breve, enquanto Rebeca o sente de outra forma, como um despedir-se definitivo e (por que não dizer?) traumático. As expectativas, nesse momento, já se mostravam tendentes à ruptura, como é próprio do texto literário, na perspectiva de Jauss (1994).

O passo seguinte foi anunciar a contação propriamente dita de “Tchau”, alertando que seria eventualmente interrompida para preenchimento dos instrumentos, cada qual com cabeçalho para preenchimento de idade, sexo e data, sem identificação, por isso, cada instrumento foi nomeado com uma letra, de “A” a “P” no alfabeto, a fim de organizar a análise das respostas. Assim foi possível traçar um perfil da turma, composta por dezesseis alunos, sendo oito do sexo feminino e oito do masculino, com faixa etária de treze a dezesseis anos (12% - 13 anos, 50% - 14 anos, 25% - 15 anos, 13% - 16 anos).

Antes de iniciá-la, porém, a pesquisadora responsável pela aplicação entregou o primeiro instrumento composto por três grupos de linhas, cada qual com um título, respectivamente, “Parte 01”, “Parte 02” e “Parte 03”, correspondentes à verificação da recepção dos alunos em relação ao conto de Bojunga e solicitou aos estudantes que redigissem, na “Parte 01”, o que esperavam que acontecesse na história. A maioria, onze pessoas, comentou crer que a narrativa trataria de despedida(s) entre pessoas. O estudante H relatou “Imagino que ele vai ser de despedida vai ser um conto que as pessoas vão embora e tem que se despedi acho que vai ser uma despedida de amigos”.

O restante da turma, no entanto (cinco alunos) esboçou um horizonte distinto. A exemplo de N que redigiu: “Pode se tratar de uma pessoa que está se despedindo de algo na sua

³*Crush*> termo originário do inglês “queda”, em português indica uma gíria jovial usada para se referir a alguém por quem se sente algum tipo de atração e se mantém relação eventual.

vida algo importante como, (uma pessoa importante ou um animal de estimação, sua vida de solteiro)”, portanto, acreditava que o conto também tratasse de despedidas, mas não apenas entre pessoas, enquanto os outros quatro alunos afirmaram que a história poderia versar sobre: significado do vocábulo tchau ou uma família que irá viajar; formas de lidar com ele; conversas que acontecem antes de despedidas; e a origem dessa palavra e como ela deve ser usada.

Para Jauss (1994), a recepção se inicia pelo horizonte de expectativa, por isso é importante verificá-lo. Ele se forma a partir do que o leitor traz consigo, sua visão e conhecimento de mundo, suas crenças, leituras realizadas etc. A partir dos registros dos alunos na “Parte 01” do primeiro instrumento, foi possível verificar que o horizonte de expectativa pode ter sido construído pelo fato de associarem o nome do conto com a definição da palavra “Tchau”, que, segundo o dicionário *Aurélio*, é de fato uma expressão de despedida.

Contudo, o que eles não poderiam imaginar, é que essa despedida tenderia mais para um “adeus” do que para um breve e sucinto “tchau”. Isso posto, é possível imaginar que a leitura/audição subsequente do conto de Bojunga influenciou potencialmente o que os alunos esperavam em um primeiro momento da história, tal como Jauss (1994) defende ao indicar que é o leitor quem faz a interpretação e esta é impulsionada pelo horizonte de expectativa, o qual tende, nesse caso, a ser rompido.

Ciente do que propõe Abramovich (2006, p. 20), ao salientar que “quando chegar o momento de narrar a história, que se passe a emoção verdadeira, aquela que vem lá de dentro, lá do fundinho, e que por isso, chega no ouvinte”, a contação foi realizada em voz alta, de forma dinâmica, para que a turma conseguisse pensar e (re)construir mentalmente cenas, cenários, fisionomias, sons e expressão das personagens, além de criar hipóteses sobre os acontecimentos narrados.

Os alunos ouviram, então, os três primeiros capítulos da narrativa: “O buquê”, “Na beira do mar” e “No sofá da sala”, o qual se encerra com o pai dizendo à mãe “Se você não leva elas agora, eu não deixo você levar nunca mais. Abandono do lar, da família, de tudo: a lei vai estar do meu lado. Então você escolhe: ou ele ou as crianças.” (BOJUNGA, 2006, p.31). Nesse momento foi feita a primeira interrupção, e os estudantes foram solicitados a registrar na “Parte 02” o que imaginavam que seriam os próximos momentos da narrativa.

Apenas dois alunos declararam acreditar que a mãe abandonaria os filhos, o estudante E escreveu: “eu acho que a mãe de rebecca vai ir embora com o Nikos e deixar as crianças porque a vida é assim ou você perde quem você ou está com quem você ama e perde um familiar”, portanto, esses dois estudantes já previram o final do conto.

Cinco estudantes registraram que a mãe iria embora, no entanto, levaria os filhos consigo, ou seja, ela ficaria com o amante e com as crianças; o aluno M, por exemplo, escreveu “Ela irá fazer uma proposta ao Nikos ‘ou levo meus filhos ou não irei contigo’. O Nikos aceita, e eles irão, mas o Nikos aceita não meio feliz”. A partir desses registros, foi possível constatar a procedência da primeira tese de Jauss (1994), ou seja a relação que o leitor estabelece com o texto, pois os alunos começavam de fato a dialogar com a história.

Dois estudantes expuseram que a mãe abandonaria a família, no entanto, acreditavam que ela se arrependeria e voltaria para casa, mas a família não a perdoaria. Outros dois ainda escreveram que a mãe abandonaria a família, mas no final retornaria para a casa “Provavelmente a mãe irá embora com o grego e ela vai perceber o que fez no final, vai se arrepender e vai voltar para seus filhos e o marido no início não vai aceitar ela mas depois ele irá aceitar ela de volta” (aluno N).

O aluno G pontuou ainda que a mãe abandonaria os filhos, mas se arrependeria. Outros dois anotaram que a mãe não abandonaria as crianças “Acho que a mãe da rebecca não vai ir embora ela vai pedir desculpa e vai ficar com a família, ela vai da tchau para o amante” (aluno H). Já o aluno B escreveu que a mãe tentaria levar os filhos, mas se não conseguisse, optaria por não ir embora. Somente o estudante F ficou em dúvida, pois pensou que, como uma boa mãe, a mãe de Rebeca não deixaria o lar, no entanto, poderia escolher dar adeus (ou não) à família.

Tendo em vista que se manteve o enfoque desta pesquisa em sujeitos que trazem valores e princípios de um determinado contexto social, observou-se que as respostas oferecidas por eles nessa etapa mostraram que uma mãe deve colocar os filhos em primeiro lugar, ou seja, não abandoná-los. Isso remete à visão de mundo dos referidos estudantes sobre como uma mãe deve se comportar, o que confirma, tal como aponta Jauss (1994), que essa perspectiva influencia o leitor. É importante salientar ainda que a maioria dos estudantes mantiveram concentrados em escutar a história. Havia apenas um que parecia não demonstrar interesse, pois mexia no celular o tempo todo.

Comparando-se os registros realizados na “Parte 01” com os da “Parte 02” foi possível perceber que a narrativa de Bojunga nem bem se inicia e a expectativa inicial de uma “despedida breve” já é rompida, pois já se anuncia que a questão é bem mais complexa do que um singelo “tchau”. Os alunos já percebiam que o conto não tratava do que estavam imaginando, e sim, até o momento, de uma mãe que se apaixonara por outro homem e se sentia pressionada a escolher os filhos ou o amante.

Assim que todos efetuaram seus registros na “Parte 2”, a contação prosseguiu para os três capítulos finais: “Na mesa do botequim”, “A mala”, “O pai volta tarde e encontra um bilhete no

travessero”. Nesse momento ocorre o que teoricamente se denominaria de clímax da narrativa, marcado pelo momento em que Rebeca tenta a todo custo impedir que a mãe saia de casa: Segue um trecho da obra que mostra um pouco da atitude de Rebeca para evitar que a mãe partisse “- Diz pra ele que não! Você não vai. A mãe pegou a mala. Rebeca não largou. A mãe puxou a mala. Rebeca puxou também. A mãe puxou mais forte. Rebeca ficou agarrada na mala.”. (BOJUNGA, 2006, p.39). A cadência narrativa com que a cena é relatada é feita de uma maneira muito próxima da dramática, levando o leitor/ouvinte a se posicionar de forma bastante semelhante ao expectador de uma peça teatral: a cena segue o percurso de uma tragédia do cotidiano, como todos os requintes de sensibilidade que um escritor literário tão bem consegue atribuir.

Finalmente solicitou-se que os alunos escrevessem na “Parte 03” o que acharam do final da história. Como esperado (tendo em vista as expectativas geradas), a maioria colocou não concordar com o fim da narrativa. Contudo, dois estudantes declararam não se surpreenderem com o final, pois já o imaginavam: “Eu já imaginava que o final do conto seria dessa forma que a mãe ia embora morar com o gringo Nikos” (aluno K); “Eu sabia que iria acontecer isso, pelo jeito que a mãe falava do Nikos parecia bem apaixonada, aah não gostei podia acabar com um final feliz a mãe podia voltar, acabar com a mala debaixo da cama, nada haver” (aluno C). O aluno C, que na “Parte 02” previra o final do conto, relatou ter ficado descontente com o fim, pois gostaria de um desfecho feliz.

Nessa etapa da pesquisa, dois alunos, demonstraram não ter entendido o final da história, pois, de acordo com seus registros, descreveram-no de forma equivocada, relatando que Rebeca fora embora com a mãe e o pai ficara com o filho mais novo, Donatelo. Conforme apontado, o restante da turma demonstrou insatisfação com o desfecho da história, observa-se isso em comentários como: “Eu não gostei muito, porque a mãe abandonou os filhos para ir morar em outro lugar com a pessoa que ela gostava ela preferiu o homem do que os filhos” (aluno B); “Fiquei decepcionada com o final, esperava que a mãe de Rebeca ficasse com sua família. O livro é bom, mas o final me deixou decepcionada” (aluno F).

Outros alunos ainda registraram: “Eu não esperava que iria terminar desse jeito. Eu achava que ela iria voltar” (aluno P); “O final não teve sentido algum, foi decepcionante, ela foi embora mesmo, sem mais nem menos, abandonou de vez uma família completa (aluno A). Este compreendeu o final do conto, mas, por não corresponder com a suas expectativas, não encontrou sentido no desfecho. Jauss (1994) pontua que o leitor tem um horizonte de expectativas que o limita e este, quando rompido, se amplia.

No caso do aluno A, o conto de Bojunga se distanciou do que ele esperava e dessa forma ampliou o horizonte de expectativas que o estudante possuía, ainda que ele tenha relutado em

admitir. O mesmo aconteceu com o estudante I, o qual acreditava que a mãe tentaria lutar para levar os filhos, e o aluno L, desejoso de que a mãe e o pai se entendessem e continuassem juntos, para todos terem um final feliz. Ainda que o final da história tenha desagradado a maioria, o aluno H revelou ter gostado de ver como Rebeca lutou para impedir a mãe de ir embora, o final igualmente rompeu sua expectativa.

Os registros dos alunos na “Parte 03” levou à constatação de que a maioria da turma criou expectativas para um final feliz, calcado nos valores que demonstraram cultivar já no início da pesquisa, como: a mãe que não abandona os filhos, pois luta por eles, e a família que se reconcilia e permanece unida. Jauss (1994, p. 11) comenta que as obras “[...] evocam propositadamente um marcado horizonte de expectativas em seus leitores para, depois, destruí-lo passo a passo [...]”.

A partir da contação de “Tchau”, verificou-se que o horizonte de expectativa da maioria dos alunos foi rompido, em decorrência disso, começaram a imaginar um final feliz para o conto, mas isso não ocorreu. Ou seja, com as expectativas prévias rompidas, imediatamente geraram outras, que foram novamente rompidas. Mas o que os teria levado a gerar esse ciclo? A resposta pode estar na associação do ato de contar histórias a narrativas com desfecho feliz, como o conhecido *happy end* dos contos de fadas. Nesse sentido, é possível que a turma esteja acostumada a lembrar, escutar ou ler histórias com final feliz por isso o tenham desejado.

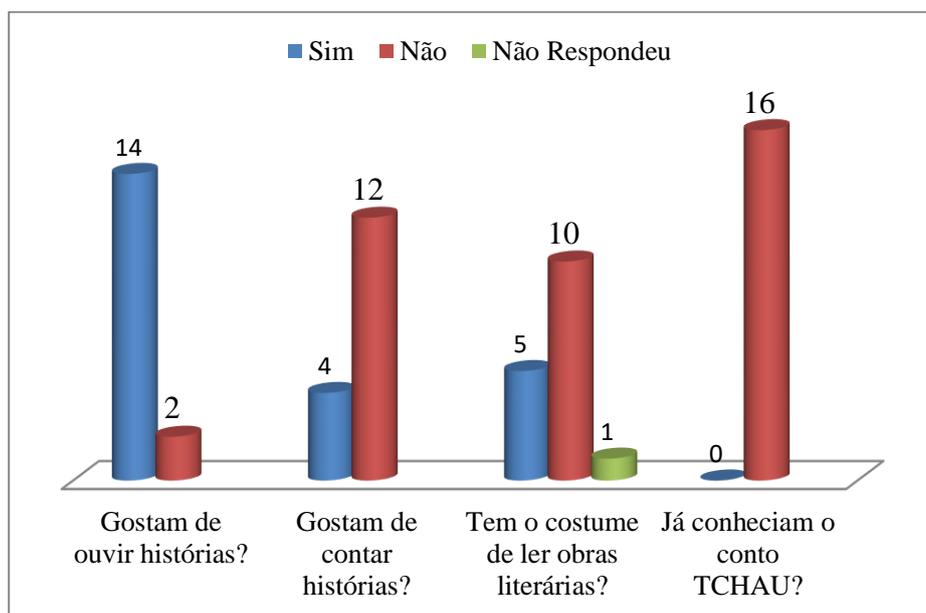
Portanto “Tchau” parece ter resgatado nos alunos um horizonte de expectativas, que é, aos poucos, rompido assim que trouxe à tona uma mãe dividida entre sua família e a paixão por outro homem, terminando de uma forma que a maioria dos alunos não esperava, com o abandono do lar. Quando os alunos se depararam com a concretização do abandono, ao final da história, ficaram indignados. Uma aluna chegou a perguntar à pesquisadora se havia mais um conto com a continuação da história, pois esse fim era inadmissível.

Nos últimos capítulos de “Tchau”, alguns estudantes choraram, demonstrando seu envolvimento com a história, e que, de alguma forma, podem ter se identificado com ela. Portanto, “Tchau” causou um efeito nos leitores/ouvintes correspondente ao que Jauss (1994) entende por “ruptura do horizonte de expectativas”. Com o rompimento do horizonte, o conto permitiu aos estudantes desenvolver competências atreladas às experiências que trazem consigo, ampliando-as, conforme prevê também Jauss (1994).

Era uma vez “Tchau”

Assim que a contação de “Tchau” foi encerrada e os alunos concluíram o registro nas três partes do instrumento, cada estudante recebeu o segundo: um questionário com treze perguntas, sendo nove objetivas e quatro discursivas, referentes à contação de “Tchau” e ao texto em si. Quatro das perguntas objetivas questionavam respectivamente: se gostavam de ouvir histórias, de contá-las, se possuíam o costume de ler textos literários e se já conheciam o conto “Tchau”. As respostas resultaram no gráfico a seguir:

Gráfico 1 – Questões 1, 2, 6 e 8 do questionário aplicado.



Fonte: Própria

Percebe-se que somente dois alunos declararam não gostar de ouvir histórias e apenas quatro apreciam contá-las. A maioria, dez no total, revelaram não ter o hábito de ler obras literárias e a turma não conhecia o conto “Tchau”. Essa constatação (re)afirma o problema exposto no início da pesquisa, referente ao fato de que a contação do texto literário é um hábito praticamente extinto no Ensino Fundamental II.

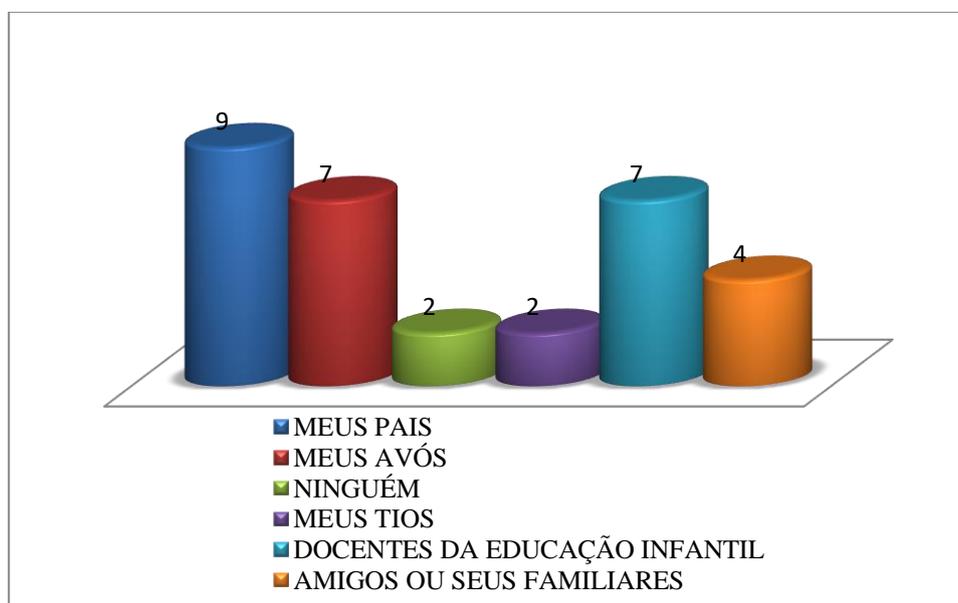
A parte inicial do questionário revelava o perfil dos participantes da pesquisa, que auxiliou na verificação dos modos de recepção do conto “Tchau”. Na pergunta três, objetiva, “Você ouvia muitas histórias na infância? Sim ou não?”, doze declaram que ouviam e quatro que não. A pergunta seguinte complementava esta: “Se sim, quais histórias você ouvia?”, mas era dissertativa. Os gêneros literários apontados nessa questão foram contos de fada, fábulas e histórias bíblicas (*Três Porquinhos*, *Chapeuzinho Vermelho* etc.). Três responderam não se lembrar das histórias que

escutavam. Ou seja, apesar de os alunos declararem no início do questionário que não possuíam o hábito da leitura de texto literário, boa parte deles demonstrou apreciar a contação.

A questão sete solicitava que se assinalasse de qual gênero textual mais gostavam de ler ou ouvir. Diante das seguintes opções: poesia, música, romance, contos, fábulas, crônicas e outro (que deveria ser especificado pelo aluno), as respostas indicaram poesia, crônica, fábula (respectivamente 01 aluno em cada gênero); música, romance, terror (respectivamente 03 alunos em cada) e conto (04 alunos).

Nota-se que a bagagem literária dos estudantes é limitada e isso pode ter contribuído para os resultados da recepção de “Tchau”, pois não estão acostumados a obras literárias com finais que fogem ao “Felizes para sempre”. Jauss (1994) declara que o leitor tem uma bagagem literária formada de leituras, no entanto, se ele não tiver essa bagagem, cabe à escola proporcionar que os alunos tenham mais contato e conheçam diversos textos literários para se tornarem leitores mais críticos e atingirem mais emancipação nesse sentido. Mas e quanto ao papel da família nesse processo? A resposta a essa questão foi investigada na pergunta cinco, em que os estudantes foram solicitados a assinalar qual(is) integrante(s) contava(m) histórias a eles na infância, resultando no gráfico a seguir:

Gráfico 2 – Quem contava histórias a você?

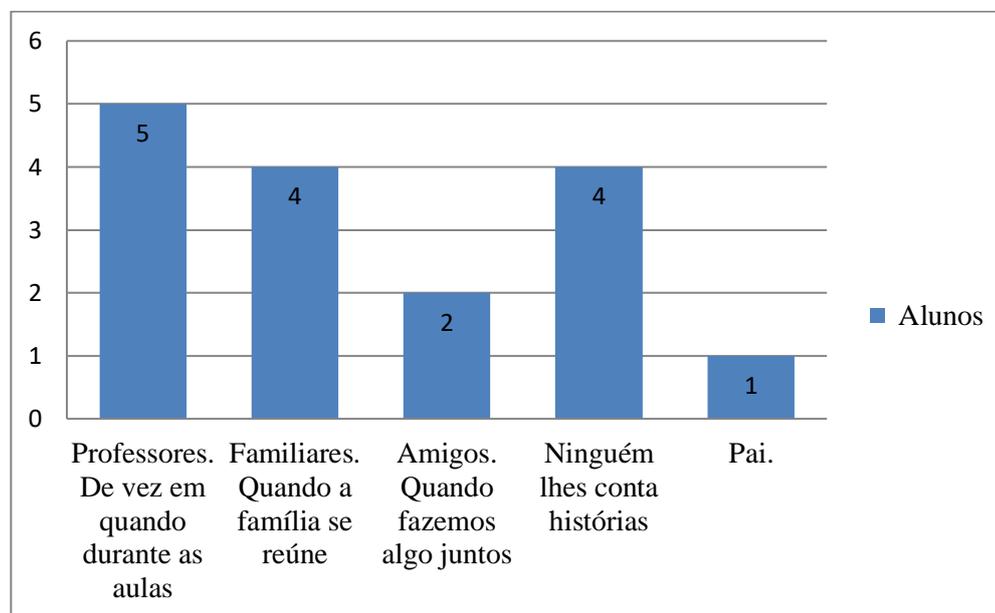


Fonte: Própria.

Mesmo diante da negativa quanto ao hábito de ouvir/contar histórias, é interessante notar que quando os alunos foram levados a pensar sobre quem os teria influenciado nessa questão,

pais, avós e professores da Educação Infantil quase se equivalem. Isso atesta o fato de que a prática da contação está atrelada à família e à escola, instituições promotoras dessa atividades. A pergunta doze procurou investigar a frequência dessa prática, obtendo como resultado⁴:

Gráfico 3 – Atualmente, alguém conta histórias para você? Com que frequência?



Fonte: Própria

Comparando-se os Gráficos 2 e 3, família e escola desempenham papel importante quando o assunto é contação de histórias, esta parece assumir a dianteira na adolescência, enquanto aquela é mais presente na infância. Até a quantidade de professores que contam histórias na atualidade (adolescência) diminuiu, o que comprova que na Educação Infantil essa prática é mais presente e tende a se reduzir nas etapas subsequentes ou, às vezes, simplesmente se extingue no final do Ensino Fundamental.

A segunda parte do questionário, composto por questões dissertativas de nove a treze, era voltada ao conto de Bojunga. Na questão nove, “Sobre o que trata o conto?”, doze alunos relataram que se tratava de uma mãe que abandonara a família. Um registrou “Despedida de mãe e filhos” e dois declararam que era referente a uma família que se desfez. O estudante M deu uma resposta incoerente, parece não ter compreendido o que fora solicitado, pois registrou: “Gostei muito do começo, achei que iria ser mais dramático digamos assim mas não foi o que eu esperava”.

⁴Apenas uma aluna não assinalou nenhuma dessas alternativas, mas registrou “sim, meu pai contando histórias de quando ele era jovem e morava na fazenda (enjoativo)”.

Na pergunta dez, “Você já vivenciou uma situação parecida com a do conto?”, em que os alunos precisavam assinalar apenas “sim” ou “não”, treze estudantes assinalaram “não” e o restante, três, afirmaram já terem vivenciado uma situação parecida com a da narrativa, ou seja, a turma não conhecia a obra, mas, alguns já viveram algo como o do conto.

Os estudantes, na pergunta onze, registraram sua opinião sobre o final do conto, o qual qualificaram como triste, ruim, chato, interessante, sem graça e sem sentido. O aluno B declarou: “achei ruim porque geralmente a mãe escolhe os filhos e não o amante”; já o aluno I pontuou: “eu não gostei muito a mãe poderia ter ficado com as crianças e voltado com o marido mas ela preferiu ir embora”.

Outros registraram ainda que gostariam de um final diferente ou de uma continuação. Houve os alunos que não compreenderam a questão, como o aluno K, que resumiu o final do conto em vez de emitir sua opinião: “A mãe acabou indo embora e abandonou os filhos, e não quis ouvir a filha quando ela pedia para não ir embora” e o H, que registrou: “Bom, eu pensei que rebecca foi junto com a mãe, mas rebecca estava embaixo da cama com a mala da mãe”. Apesar disso, o aluno N mostrou compreender a história e a forma como a questão da despedida foi abordada: “Achei muito interessante, o desenrolar da história e a leveza com que a autora conta são muito bons. O final deixa muita decepção, esperava outro final.”

Na pergunta treze, “O que você sentiu enquanto ouvia essa história?”, quatro alunos responderam “nada”, os outros revelaram ter sentido tristeza, curiosidade sobre o que aconteceria nos próximos capítulos, bem como o interesse em saber como acabaria o conto, além de sentimentos como raiva, decepção e aperto no coração.

Algumas respostas da pergunta treze: aluno M escreveu “Não sei por que o conto não tem nenhuma parte feliz por que a mãe abandonou as crianças eu fiquei meio mal por que aconteceu uma coisa parecida com esse conto comigo”, o estudante J “vontade de ouvir mas e tristeza pois a mãe deixa seus filhos e alegria pois gosto que contem historias para mim eu fico muito curiosa pra saber o final”, o aluno N, por sua vez, anotou “No começo sentia curiosidade e no final, tristeza”. Alguns alunos evidenciaram ainda estarem inconformados com a atitude da mãe, nota-se isso pela resposta do aluno K “fiquei triste porque aonde já se viu uma mãe abandonar os filhos por causa que o homem quer”.

Diante das respostas registradas pelos alunos, evidencia-se que a obra distanciou-se do horizonte de expectativas que revelaram, mesmo assim, escutaram o conto com atenção até o final e permitiram que a obra fosse modificando suas expectativas até rompê-las de fato. Vale refletir que a turma dialogou com a obra segundo seus valores, no início determinados pelo julgamento de que a atitude da mãe era reprovável. Para alguns, a mãe até poderia ficar com o

amante desde que não abandonasse os filhos, para outros, o mais correto seria a mãe permanecer em seu lar e esquecer o amante. De modo geral, os alunos se sentiram desconfortáveis com o final da história, pois o “Tchau” não foi o que esperavam e acabou abalando suas referências.

A resposta do aluno A à última questão do questionário, “Um aperto no coração, deve ser muito ruim passar por uma situação parecida”, recorda o que Souza e Bernadino (2011) afirmam sobre o aluno experimentar emoção sem necessitar passar pela situação na realidade. O conto de Bojunga propôs uma situação que esse estudante jamais vivenciou, entretanto, ao ouvir a narrativa, foi possível experienciá-la, ainda que apenas no campo da imaginação.

Depois de responderem o questionário, os alunos realizaram um pequeno debate, organizado de acordo com a técnica GV/GO (Grupo de Observação/Grupo de Verbalização), que consistiu em dividi-los⁵ em dois grupos, cada qual com oito integrantes. Dessa forma a sala foi distribuída em dois círculos, um dentro do outro. O grupo de dentro iniciou-se como GV e o externo, GO, denominados, respectivamente, para a turma, como “grupo um” e “grupo dois”. Cada qual elegeu um representante que conduziu o debate por meio de três perguntas previamente elaboradas pelas pesquisadoras, sendo elas:

QUADRO 1 – Perguntas para debate em sala de aula segundo a técnica GV/GO.

GRUPO	PERGUNTAS
1	<ol style="list-style-type: none"> 1. Atualmente vocês acreditam que é comum acontecer situações como: a mãe abandonar a família? Justifique. 2. No conto “Tchau”, de Lygia Bojunga, o personagem Nikos (o amante), chama a mãe de Rebeca para ir embora do país, no entanto ele não quer que ela leve as crianças junto. Por que será que isso acontece? 3. Vocês acreditam que o pai de Rebeca soube lidar com a situação? Justifique.
2	<ol style="list-style-type: none"> 1. No conto “Tchau”, de Lygia Bojunga, a mãe abandona a família para viver um amor fora do casamento. Como vocês acreditam que seria a história se fosse o pai quem abandonasse a família por causa de uma amante? 2. Vocês acreditam que, na sociedade atual, existam muitas crianças com a história como a de Rebeca? 3. O que vocês acharam da atitude da mãe de Rebeca?

Fonte: Própria.

O debate se iniciou pelo Grupo 1, enquanto o 2 apenas observava e anotava as questões. Ao término de oito minutos, os alunos dos respectivos grupos trocaram de lugar e os papéis foram invertidos. O Grupo 2 passou então a promover o debate, enquanto o 1 anotava. Transcorreram assim mais oito minutos. Durante esse período, a pesquisadora manteve-se apenas

⁵Para realizar a divisão, a pesquisadora atribuiu aos discentes, os números 1 ou 2, na ordem das filas em que estavam sentados, para que assim, não ficassem no grupo do colega, com o qual já estão acostumados.

como observadora, não fez interferências, a fim de permitir que os alunos tivessem liberdade para discutir e expor seu ponto de vista.

O representante do Grupo 1 conseguiu direcionar bem o debate, incentivando os colegas a falarem, manteve as três perguntas como um norte, além disso, foi capaz de realizar outros questionamentos. Na primeira pergunta, os participantes concluíram que é normal a mãe abandonar os filhos, pois nem sempre a gravidez é planejada, o que revela que esse tipo de situação lhes soa familiar. A partir disso, pode-se pensar que se no conto a mãe não tivesse planejado ter os filhos e por isso os abandonasse, os estudantes poderiam não ter ficado tão indignados com o desfecho da narrativa.

Conversaram também sobre casos em que algumas mães não amam os filhos e por isso os maltratam e depois os abandonam. Porém sabem que há situações em que a mãe deixa a família, pelo fato de sofrer agressão física do marido. Revelaram então acreditar que quando a relação em casa é saudável e a mãe resolve se separar do marido, como no conto, no ponto de vista deles, a mãe provavelmente leva as crianças consigo. O Grupo 1 elencou ainda motivos para Nikos não querer a presença das crianças, como: não gostar de crianças, pensar que atrapalhariam sua relação amorosa, não ter dinheiro para sustentá-las ou querer constituir uma família sem elas.

Discutiram ainda sobre se o pai soube lidar com a situação, alguns pensaram que não, pois ele fora ao bar beber, mas outros enxergaram essa atitude como uma forma de neutralizar ou mesmo enfrentar a dor. Chegaram enfim ao consenso de que é muito difícil para qualquer homem enfrentar o término de uma relação e, mesmo que ele supere e encontre outra mulher, nunca esquecerá a antiga esposa. Nesse momento do debate, os alunos, a partir das perguntas, foram estimulados a refletir e debater sobre o personagem “pai” do conto e assim preencher alguns dos espaços em branco da narrativa.

Já o Grupo 2 não conseguiu debater com a mesma eficácia, tampouco se aprofundar nas reflexões, pois os alunos pareciam estar um pouco envergonhados para falar e se mantiveram passivos. Além disso, o representante demonstrou dificuldade, porque assim que iniciou o debate questionou a pesquisadora sobre o que deveria falar, sendo que as instruções já haviam sido explicitadas anteriormente. Apenas uma aluna deu sua opinião em relação à primeira pergunta, declarando não achar correto o pai abandonar a família, mas, pela história do conto, percebeu que a mãe de Rebeca não trabalhava, e, caso o pai deixasse a esposa e os filhos, eles iriam sofrer mais, pois estariam sem uma base financeira, já que o pai é quem sustentava a casa.

Na segunda e terceira perguntas, apenas dois alunos se manifestaram, afirmando que, nos dias atuais, é normal os pais se separarem e a criança ficar sob a responsabilidade de um familiar. Consideraram a atitude da mãe errada, pois não poderia viver um amor fora do casamento e

muito menos deixar a família. Enquanto estes alunos se manifestaram, os outros se mantiveram passivos, mas escutavam com atenção os colegas que falavam.

Enfim, por meio da contação de “Tchau” os alunos puderam expor sua visão de mundo mediante a relação desta com a realidade que vivenciam. Para Jauss (*apud* ZILBERMAN, 1989) o leitor terá uma nova visão da realidade, e dessa forma, os alunos estarão mais preparados ao receberem outros textos. Em suma essa é a dinâmica proposta pela Estética da Recepção frente à literatura, em que o leitor nunca encerra uma leitura da mesma forma que nela ingressou.

Os alunos do referido nono ano ampliaram seu horizonte de expectativas, porque o conto superou suas expectativas, a ponto de rompê-lo. Acerca disso, acredita-se que futuramente diante de outras obras literárias, estarão mais abertos para sua recepção, pois Bojunga passou a fazer parte de sua bagagem literária. Por conseguinte podem (re)formular a nova visão de mundo. Como apontam Bordini e Aguiar (1993, p.86), quando o horizonte de expectativa é ampliado, o leitor torna-se mais receptivo a textos novos e efetua leituras compreensivas e críticas.

De modo geral, os alunos não imaginavam que a história trataria de uma mãe que abdicou da família em nome de uma relação extraconjugal e assim puderam ampliar seu horizonte de expectativa acerca das relações familiares por meio de reflexões que partem da obra e ao mesmo tempo a extrapolam.

A recepção em pauta: reflexões finais

A maneira dramática com que Lygia Bojunga conduz a narrativa em “Tchau” levou os leitores/ouvintes em questão a entrarem em contato com um universo de possibilidades, a começar pelos amplos significados que o próprio título sugere. A contação e as demais atividades realizadas com dezesseis alunos do nono ano, em um colégio público, a partir desse provocativo texto, proporcionou aos sujeitos que delas participaram uma série de experiências novas, a exemplo da leitura/audição de um texto literário que não conheciam ou mesmo o resgate de outras já esquecidas, como a contação de história.

No momento da detecção do horizonte de expectativa desses alunos, conforme se imaginava, o termo “Tchau” levou a acreditar que se tratasse de uma despedida breve. Não foi preciso grande esforço para constatar a decepção dos alunos com o desfecho da história, movimento também imaginado previamente pelos pesquisadores (considerando-se a experiência prévia de ambas nesse sentido). O desafio, contudo, nessa etapa foi pensar em uma estratégia que permitisse, em curto espaço de tempo, detectar, romper e ampliar o horizonte de expectativas dos envolvidos, donde a seleção de se focar a pesquisa nas referidas teses de Jauss (1994).

Além disso, os alunos puderam imaginar personagens e cenas, preenchendo as lacunas do texto, atribuindo sentido ao “Tchau” a partir de sua visão de mundo, refletindo a respeito e conectando a obra literária à realidade. Todos os alunos declararam discordar da atitude da mãe e terem se comovido com o abandono de Rebeca e Donatelo. O que talvez eles não soubessem é que na própria turma havia três pessoas que assinalaram, no questionário, ter passado por situação parecida. Ainda que essa informação tenha sido mantida em sigilo pelas pesquisadoras, comprova que a literatura de fato pode auxiliar no papel humanizador do indivíduo, como sinaliza Candido (2004). Ressalte-se ainda que, mesmo que no debate a participação de ambos os grupos tenha sido díspar, pois um foi mais ativo que o outro, observou-se a efetiva participação (falando ou ouvindo) de todos.

Por fim, é preciso destacar que práticas como a realizada neste trabalho poderiam estar mais presentes na sala de aula, principalmente nos anos finais do Ensino Fundamental II, quando a contação, a leitura do texto literário e o espaço para debates são escassos, seja sob o pretexto de que os alunos não tenham maturidade, pela falta de tempo e/ou outros fatores. Em se tratando da obra de Bojunga, além deste conto há diversos outros, como “O bife e a pipoca”, disponível no mesmo livro, que poderiam ser abordados em sala de aula com vistas à formação de leitores críticos.

Enfim, é muito importante que textos como “Tchau”, que por si só rompem expectativas, cheguem à sala de aula e seduzam o adolescente a (re)ingressar no universo da literatura e estar disposto a literalmente “recepcioná-lo” não apenas quando for solicitado, mas também, e principalmente, quando tiver interesse.

Referências

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. 5.ed. São Paulo: Scipione, 2006.

BOJUNGA, Lygia. *Tchau*. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga LTDA, 2006.

BORDINI, M. da G. e AGUIAR, V. T. de. *Literatura— a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BRASIL. Decreto-lei nº 9.394, 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Jusbrasil*, Brasília, D.F., 20 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2017.
Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79611-

anexo-texto-bncc-aprovado-em-15-12-17-pdf&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 05 jun. 2019.

BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto. *Referencial curricular nacional para educação infantil*: Conhecimento de mundo. Brasília, DF: MEC, 1998.

CANDIDO, Antonio. Odireito à literatura. In: *Vários escritos*. 4. ed. São Paulo: Duas cidades; Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004. p. 169-191.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: *Ciência e Cultura*. São Paulo: 24, 1972.

ELIZAGARAY, Alga Marina. *El poder de La literatura para niños*. In: ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil*: gostosuras e bobices. 5.ed. São Paulo: Scipione, 2006.

FARIAS, Carlos Ademir. Contar histórias é alimentar a humanidade da humanidade. In: PRIETRO, Benita (Org.). *Contadores de Histórias*: um exercício para muitas vozes. Rio de Janeiro: Prieto Produções Artísticas, 2011. p. 18-22.

FERREIRA. Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio*. 2.ed. Curitiba: Nova Fronteira, 1993.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

JAUSS, Hans Robert. A estética da recepção: colocações gerais. In: LIMA, Luiz Costa. *A Literatura e o leitor*: textos de estéticas da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 43 – 61.

MATEUS, Ana do Nascimento Biluca et al. *A importância da contação de história como prática educativa na educação infantil*. Pedagogia em ação, Minas Gerais, v.05, n.01. 2013. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/viewFile/8477/7227>>. Acesso em: 27 Out. 2018, 21:01.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. *Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa para a Educação Básica*. Curitiba, PR 2008

SOUZA, Linete Oliveira de; BERNARDINO, Andreza Dalla. A contação de histórias como estratégia pedagógica na Educação Infantil e Ensino Fundamental. *Educere ET Educare*, Paraná, v. 6, n. 12, p. 235-249, Dez-2011.

TAHAN, Malba. A arte de ler e contar histórias. In: SOUZA, Linete Oliveira de; BERNARDINO, Andreza Dalla. A contação de histórias como estratégia pedagógica na Educação Infantil e Ensino Fundamental. *Educere ET Educare*, Paraná, v. 6, n. 12, p. 235-249, dez. 2011.

ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi. Estética da Recepção in: BONNICI, Thomas e ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs). *Teoria Literária*: Abordagem histórica e tendências contemporâneas. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009. p. 153-162.

ZILBERMAN, Regina. Hermenêutica Literária. In: *Estética da Recepção e a História da Literatura*. São Paulo: Ática, 1989. p. 62-59.

Recebido em: 27/2/2020

Aprovado em: 30/5/2020